

EDITORIAL

When it comes to atoms, language can be used only as in poetry.

Niels Bohr

A teoria literária, no âmbito dos estudos culturais, tem valorizado o lugar dos indivíduos marginalizados socialmente pelos mais diversos exercícios do poder. Minorias étnicas, de gênero, culturais e econômicas ocupam o espaço da crítica recente, em pesquisas que se auto-intitulam pós-colonialistas. Ora, o pós-colonialismo aponta, de uma maneira generalizada, para um movimento de demanda de voz e de visibilidade pelas categorias humanas historicamente silenciadas, alijadas do direito de reconhecimento de seus mecanismos de representação e expostas a situações de sujeição e de submissão nas quais a sua identidade sofre um processo de negação e de degradação, quando não do mais absoluto apagamento.

Embora distante das visadas antropológica, política e econômica das demais abordagens comuns aos estudos culturais, também é possível identificar uma estratégia “colonialista” no cerne da evolução de certas disciplinas do conhecimento humano, determinantes do estabelecimento de instituições, relações hierárquicas e jogos de poder muito semelhantes aos vigentes no âmbito social. Tal seria o caso da medicina ocidental moderna, sujeita, desde o Renascimento, ao emprego contínuo, fiel e paradigmático do método científico. O pesquisador científico somente acredita naquilo que pode verificar pela experiência. O credo do cientista sempre tem três dogmas primordiais: objetividade, estrutura matemática do objeto e verificabilidade. A matemática se converteu, portanto, na única chave interpretativa de todo o cosmos, que perde seu caráter numinoso, sagrado e teológico.

O silêncio da ética e da teologia, bem como o enfraquecimento das artes e da literatura, faria surgir, no mundo moderno, o esplendor imperialista da ciência, que teria como objetivo a superação do medo do homem diante do desconhecido. O efeito do cientificismo no estabelecimento do discurso médico moderno resultou na consolidação de uma atitude que pode ser considerada, até certo ponto, como “colonizadora” do sujeito doente. “A doença é a zona noturna da vida, uma cidadania mais onerosa” – diz Susan Sontag. Emigrar para o reino da doença frequentemente significa, em nosso contexto, passar a viver num regime de submissão do corpo à ciência e à radical autoridade de seus discursos, o que não raro produz o silenciamento da experiência individual do “paciente” no texto médico, objetivador e pragmático da anamnese.

Na prática médica moderna, o doente não fala, é falado. Arthur W. Frank discute sobre a existência de um reconhecido desnível de forças na atual relação médico-paciente, que habilita o profissional de saúde a intervir na existência daquele que o procura com uma história de sofrimento, elencando diagnósticos, prescrições, intervenções e prognósticos os quais, por escaparem ao entendimento, percepção e poder decisório do outro, tendem a submetê-lo a uma vontade superior, arbitrária e as mais das vezes inquestionável. Tal situação é agravada com a crescente tendência à valorização do emprego de tecnologias de ponta na medicina, e com a prática cada vez mais habitual de substituição da clínica pela

avaliação laboratorial, repassando aos equipamentos maquímicos a tarefa, antes delegada a um ser humano, de analisar o estado daquele que se apresenta em sofrimento.

Como a aposta da medicina moderna reside na manutenção da vida e da saúde a qualquer preço, o corpo sofredor em situações-limite – tanto aquelas que desafiam a competência do domínio científico e fazem pouco de seus aparatos, como as que se deparam com a inevitabilidade da decrepitude e da morte – é também, muitas vezes, ignorado. Obras como *A solidão dos moribundos*, de Norbert Elias, buscam refletir filosoficamente sobre essa questão, tão bem representada na literatura por textos como *A morte de Ivan Ilítch*, de Tolstói.

Transformado em “caso clínico”, o doente nas sociedades ocidentais avançadas perde não só a identidade que construiu no “país dos sãos”: perde o direito a verbalizar a experiência única, singularíssima, que a condição patológica representa em sua vida. Sua narrativa – a história dos eventos que culminaram numa condição extrema e não raro incapacitante para aquele sujeito específico; reformulando, muitas vezes de maneira drástica, as suas relações identitárias, emocionais e existenciais com seus grupos de origem – é desconsiderada em favor de uma suposta soberania da razão científica. Talvez por isso, a temática do corpo sofredor vem invadindo a arte e a literatura contemporâneas com uma crescente reivindicação de visibilidade e de voz. O corpo sofredor se oferece como o suporte de uma escrita surpreendente e problematizadora das atuais relações de poder na área da administração social da saúde, questionando suas instituições, seus agentes, seus princípios, suas técnicas.

Os trabalhos aqui reunidos apresentam os resultados das atividades do Núcleo de Estudos em Literatura e Intersemiose (NELI/CNPq), coordenado pelas professoras doutoras Ermelinda Maria Araújo Ferreira e Maria do Carmo Siqueira Nino no período de 2010/2011, que abordaram o tema das Humanidades Médicas, propondo, ao longo de seminários e disciplinas ministradas no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, o debate em torno da representação da doença, do doente e dos profissionais da saúde na literatura e nas artes. Os textos oferecem, portanto, um painel da produção do NELI em seu primeiro ano de existência, refletindo o perfil multidisciplinar e dialógico que norteia a proposta deste núcleo de estudos intersemióticos, representativo de uma das linhas de pesquisa do PPGL/UFPE.

A revista conta ainda, neste seu primeiro número inaugural, com a participação especial de convidados: o Prof. Dr. Luís Filipe B. Teixeira, mestre em Filosofia pela Universidade de Lisboa e doutor em Estudos Portugueses e Cultura Portuguesa do século XX pela Universidade Nova de Lisboa; organizador da obra completa de António Mora e autor, entre outros, do ensaio *Fernando Pessoa e a Filosofia Sanatorial*; e da Prof^a Dr^a Izabel Cristina Rios, médica e coordenadora das disciplinas de Humanidades Médicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Contribuir para aproximar as culturas científica e humanística que até hoje padecem de um flagrante abismo de mútua incompreensão, foi o nosso principal objetivo ao propor as atividades que culminaram na presente publicação. Ressaltamos que as ações acadêmicas em torno do tema das Humanidades Médicas fundamentaram-se no projeto *Literatura e Medicina: encontros, percursos, revelações*, de autoria da prof^a Dr^a Ermelinda Ferreira, que recebeu o apoio de uma bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq em 2010, e norteou a sua pesquisa de Estágio Sênior (Pós-Doutoramento), financiada pela CAPES em 2011, na Universidade Nova de Lisboa, em Portugal. O tema dialoga com uma das mais avançadas linhas de pesquisa intersemiótica da atualidade: a da *Narrativa Médica* ou *Narrativa da Doença*, ainda praticamente desconhecida no Brasil, mas que conta com centros de investigação de referência e de excelência em diversos países – a exemplo, nos Estados Unidos, do *The Program in Narrative Medicine/ College of Physicians and Surgeons/*

Columbia University, sob a coordenação da médica e crítica literária Rita Charon, e na Inglaterra, do *Master in Medicine and Literature/ School of Arts and Humanities/ King's College London*, sob a coordenação dos professores Dr. Brian Hurwitz e Dr. Neil Vickers.

Prof^a Dr^a. Emelinda Maria Araújo Ferreira